

HEROI TIRADENTES

Quando nos reportamos aos fatos ocorridos no final do século XVIII, nas Minas Gerais, conhecido na história como “Inconfidência Mineira”, sempre em primeiro lugar nos aporta nos nossos pensamentos a figura ímpar do Alferes Tiradentes, sendo o mais lembrado e conhecido num grupo que havia fidalgos da coroa Portuguesa.

Tiradentes, alcunha que era conhecido, chamava-se Joaquim José da Silva Xavier, veio ao mundo no dia 16 de agosto de 1746, na propriedade de mineração, hoje cidade de Tiradentes/ MG, na fazenda do Pombal, situada na circuncisão territorial da Vila de São João del-Rei.

Era o quarto filho do casal, com onze anos ficou órfão vindo a ser adotado pelo tio e padrinho, Sebastião Ferreira que era cirurgião, aprendendo assim os conhecimentos da odontologia, a profissão de dentista prático, habilidade que muito ajudou escravos e agregados humildes das fazendas. Com quatorze anos, já trabalhava no serviço de tropa, indo freqüentemente nas províncias do Rio de Janeiro e da Bahia.

Em 1769, com vinte três anos, assentou praça na Cia de Cavalaria dos Vice-Reis. Em 1775, com a fusão das antigas Cias de Dragões, foi criado o Regimento de Cavalaria Regular, hoje Polícia Militar de Minas Gerais, sendo promovido no ano seguinte ao posto de “Alferes”, o que corresponde na atualidade a graduação de Subtenente.

A partir do ano de 1786, quando os preparativos para a Inconfidência Mineira já estavam em andamento, registra-se no conselho ultramarino várias viagens para o Rio de Janeiro, inclusive uma licença para viajar até Lisboa em 1787.

Nos preparativos para o levante, Tiradentes fez parte do grupo dos ativistas composto por mazombos, filhos de portugueses nascidos no Brasil ou filhos naturais da terra. Era um grupo o qual as pessoas eram responsáveis pela concretização da eclosão do movimento. Tiradentes, no dia do levante, na derrama, seria o responsável por executar e mostrar a cabeça do governador para o povo, quando todos estivessem na praça e fossem cercados pela tropa da Cavalaria.

No final do ano de 1788, face às dificuldades vividas para a organização do movimento, numa conversa com o Inconfidente Vicente da Mota, disse que “se todos quisessem, poderiam fazer do Brasil uma grande nação”.

Depois que foi preso, já no processo conhecido na História, como os “Autos da Devassa”, no quarto interrogatório, assumiu toda responsabilidade pela tentativa do levante, não tendo a sua pena de morte, comutada em degredo perpetuo, vindo a ser o único a ser enforcado.

Após ter sido enforcado, na manhã de 21 de abril de 1792, no Largo da Lampadosa defronte a igreja da Lampadosa no Rio de Janeiro, o seu corpo foi dividido em quatro partes, que foram expostas nos principais trechos do caminho do Rio de Janeiro para as Minas Gerais, onde ele fazia suas pregações revolucionarias, até que o tempo as consumisse.

Já a cabeça do alferes foi exposta em Vila Rica (hoje Ouro Preto), na praça principal, sendo roubada a noite e ninguém sabendo do seu paradeiro até os dias atuais.

Apesar de todo o sofrimento, constrangimento e humilhação impostas ao Alferes, não se vislumbra nos autos da devassa, em seus interrogatórios, indícios que tenha dedurado as outras pessoas, envolvidas na conspiração.

Depreende-se sim, ao compulsarmos os aludidos autos, fidelidade as suas idéias e convicções, não se acovardando em momento algum, declarando sim, devotado amor a Pátria e confiança no seu progresso e desenvolvimento, servindo de faróis para a nossa juventude neste momento de Brasiléia desvairada.

Maj PM Flávio Augusto – Sub Chefe do CRS